

JOSÉ Matoso Maia Forte, cujo falecimento ocorreu em Niterói, ha poucos dias, era, como redator-secretario do *Jornal do Comercio*, um jornalista de profissão, e, por muitos titulos, um especialista em historia e geografia.

Conhecemo-nos ainda rapazes, quando ele, como soldado do Batalhão Academico, foi dos primeiros a desembarcar na vizinha cidade para a defesa da Republica ameaçada pela revolta da Armada. Depois, casando com uma niterolense de escol, enraizou-se em minha terra natal. Desse consorcio, visivelmente abençoado por Deus, brotou numerosa prole. A dois dos filhos de Matoso me afeiçoei de modo particular, ao mais velho, Oscar, cedo roubado á vida na pujança da mocidade, e a Nelson, meu querido aluno na Politecnica, hoje diretor da Escola Technica Henrique Lage, e, portanto, em destacada situação de comando na administração educacional do Estado do Rio de Janeiro.

Foi ainda em Niterói que o illustre morto iniciou sua brilhante carreira de funcionario publico do nosso Estado. Nela galgou, por merecimento, todos os postos, desde praticante e amanuense á situação imar de Secretario Geral de Estado. Morreu como ministro, aposentado, do Tribunal de Contas.

Em paralelo com a fulgida carreira no funcionalismo, exer-

ceu ele desde cedo, na capital do Estado, quer em Niterói, quer em Petropolis, quer de novo em Niterói, atividades de jornalista.



José Matoso Maia Forte

mo, como colaborador assíduo da imprensa local e representante (reporter) do jornal então de maior circulação, *O País*, de Quintino Bocaiuva. Mais tarde, na fase em que Alcindo

Guanabara e João Lage dirigiam essa folha, ingressou para a redação onde pouco depois velu, se bem me recordo, a ocupar o lugar de secretario. Convidado pelo *Jornal do Comercio* al trabalhou longos anos, recebendo do velho e respeitável órgão da imprensa carioca distinguidas provas de apreço.

Como funcionario e jornalista José Matoso revelou predicações sociais de elegancia de maneiras e de bondade carinhosa que nobilitam e de certo modo facilitam o exercicio quer de um, quer de outro encargo. Tenho a impressão que tais qualidades ele as ganhou por hereditariedade. Seu pai era cavalheiro de rara elegancia, de vestuarios e de maneiras, e sua mãe, a delicada D. Laura, irradiava de si tanta bondade que se fazia querida de quantos a conhecessem. Eu que fui desse feliz numero guardo até hoje saudades da sua simpática figura sempre tão solícita com toda a gente e em particular com os amigos de seus filhos. José Matoso, pelo trato fino e afável, trazia-me sempre á memoria a lembrança de sua mãe.

A essas qualidades de feição social ajuntava o illustre fluminense um grande amor ao trabalho, não recusando senão a fazendo os mais pesados deles. Empestava, além disso, grande meticulosidade a todo o empreendimento a que se abalancasse. Tais predicações pessoais lhe

GEOGRAFIA CARIOCA

Jornalista e Geografo

grangeariam, como lhe grangeariam, fulgida aureola de competencia. Tornava-se em pouco tempo, fosse qual fosse o campo onde penetrasse, de indiscutida autoridade. Este foi o modo pelo qual se tornou especialista em problemas administrativos do Estado a que servia, particularmente em finanças publicas, ouvido sempre com acatamento pelos presidentes, governadores e interventores.

Foi ainda deste modo que nas redações galgava rapidamente á mesa de secretario, que é aquella onde se exerce a difficil tarefa de "cozinheiro" do jornal, função na qual o serventuario desenvolve principalmente capacidades de coordenador, ou seja, de organizador das compactas paginas impressas, no dia seguinte saboreadas dispolentemente pelos leitores entre duas baforadas de cigarro.

Esse conjunto de preciosas qualidades morais, sociais e intellectuais, de bondade, de elegancia, de competencia, de indefesso trabalho, tornaram Matoso estimado por companheiros, chefes e subalternos. Os azares da politica de campanario, em que andavamos ambos metidos no nosso sempre ator-

mentado ninho de fertil politicagem — a terra fluminense — fizeram com que certo tempo vivessemos arredios. Mas mesmo nesses tormentosos periodos, mutuamente nos respeitavamos. Durante alguns desses lapsos de afastamento teve ele o carinho de fazer citação de trabalhos meus, e eu, do mesmo modo, procedi para com o brilhante conterraneo.

O nosso novo ponto de aproximação, após esses desencontros politiqueros, foi o campo arejado da geografia por nós ambos laborado.

Matoso e eu chegamos á geografia por caminhos a bem dizer opostos. Foi a geologia que me levou á geografia fisica e daí á geografia humana e, portanto, á geografia geral. Para ele, o ponto inicial foi a historia. Seu temperamento, seus estudos, suas preocupações preferidas eram sem duvida as de investigação do passado. Deletava-se em esvurmar os tempos idos, acumulando documentos varios, por vezes preciosos, catando com amor, aqui e ali, datas e fatos, reproduzindo-as com fidelidade, com aquele sueresticioso respeito que o historiador

tem pela minucia e pela exatidão.

Da historia, por ele sempre minudentemente narrada, teria caminhado para a geografia. Em suas mãos esse ramo de saber cobria-se da mesma indumentaria meticulosa. Teria de ser, por conseguinte, preferencialmente um geografo descritivo, sem tendencia para devaneios de hipoteses e de doutrinas, a que tanto se afeiçoam os geologos á falta de terem seguros e bem amparados os dados problematicos com que lidam.

O geologo é de fato, pela força das circunstancias, um poeta do passado. Idealiza convulsões remotas, camadas revolucionadas, vê oceanos e lagos onde hoje existem planícies e montanhas. Quando o geologo chega á geografia humana, só se sente bem formulando "leis" e "princípios", arquitetando "teorias". Já o historiador, não.

Ao penetrar os umbrais da fisiografia, prefere indicar com rigor quilometragens, enumerar, sem desculpas, as multipbas minudencias de cotas e desniveis. E' de certo modo mais pratico e mais rigorista, senão mais rigoroso.

São modos de ser a que jamais se pode completamente furtar quem faz geografia pratica. Este procura o documento escrito, recolhe os informes dos que "com autoridade" já falaram sobre o assunto, e então, de lapis em punho, compraz-se

em anotar as opiniões divergentes, sopesando-lhes o valor probatorio: ás vezes modestamente se escondem deixando que outros mais antigos tragam seus depolimentos ungidos pela patina do tempo. Aqueloutro ao contrario prefere ir buscar ele proprio, com o martelo em uma das mãos e o filme fotografico na outra, o documento novo, original que, para ele, vale mais que todas as velhas autoridades somadas. São, como disse, modos distintos de atuar, e que de certo modo se completam.

Matoso e eu nos completavamos ao estudar, cada qual a seu jeito, o nosso querido torrão natal, esse valoroso Estado do Rio, que foi a gloria da Monarquia, e particularmente do segundo reinado, e que hoje em dia, na Republica, para a qual tanto contribuiu, é tão desprezado e tão desconhecido.

Frequentemente nos consultavamos a proposito de pontos de estudo. E também frequentemente nos citavamos um ao outro ao tratar dos mesmos pedacos da nossa terra. Cada qual o fazia, como referido acima, em seu feitio, mas, por isso mesmo, nos entendiamos ás maravilhas. Nossos trabalhos só aparentemente eram desconexos, pois ambos visavamos sempre a mesma meta: o melhor conhecimento da geografia fluminense. Ele, filho de Vassouras, de serena acima, portanto, eu, nascido em Niterói, junto ao oceano, até

nisso eramos, um do outro, completamente "topografico" e "fisiografico", um magro e alto, outro, baixo e gordo. Esquilotimico, ele; ciclotimico, eu.

Quer Matoso Forte, quer eu, ainda que filhos da mesma nobre e tradicional terra fluminense, tivemos sempre atividades diversas no Distrito Federal. Cariocas e fluminenses são afinal oriundos do mesmo trato de terra, pois Distrito Federal e Estado do Rio, geologica, fisiografica, economica, etnica e etnograficamente são realmente iguais, quer do seu substratum fisico, quer nas suas manifestações antropogeograficas, citadinas ou rurais.

Matoso era funcionario em Niterói e jornalista no Rio de Janeiro. Eu, aqui funcionario e professor, mas do lado de lá da Guanabara exercia o jornalismo politico. Mas ambos eramos curiosos da geografia e da historia, de ambas terras, de lá e de cá.

E, por isso, não me pareceu fora de proposito, senão muito acertado, trazer para o modesto rodapé de geografia carioca deste autorizado jornal, um croquis, em rapidissimos traços, da presticiosa fleura de José Matoso Maia Forte. E essa só e rapida evocação deixa um traço de brilho nesta seção de seu normal obscura.

Everardo Backheuser

"Jornal do Brasil" Suplemento 27-5-945

Um Grande Trabalhador

Rubens Falcão

FOI ele José Mattoso Maia Forte, que a 11 de maio de 1945 se partia deste mundo. Carioca pelo acidente do nascimento, aos 18 anos ingressaria na administração pública do Rio de Janeiro como praticante da antiga Diretoria de Fazenda. Quase meio século de existência consagraria à terra de Quintino, que no seu governo o promoveria a chefe de seção do Tribunal de Contas.

Haveria de seduzi-lo, ainda na mocidade, o estudo da história e da geografia da ilustre Província. Dela escreveu em um ensaio para o Centenário da Independência: "No Império, a Província teve os seus dias áureos, tanto em relação à sua influência na política nacional, como à sua prosperidade econômica. A Província foi, por assim dizer, um principado político no Império, uma espécie de pasta suplementar dos gabinetes ministeriais. Pela sua administração superior e pelo parlamento local, passaram homens eminentes da política nacional, que figuraram nos altos Conselhos da Coroa e no Parlamento do Império". Os trabalhos que deixou, feitos com erudição e amor à verdade, aumentam e enobrecem a bibliografia indígena, são fontes de ensinamento perene. Mesmo os de menor vulto; há sempre o que nêles apreciar e aprender.

Visitando-o, algumas vêzes, na sua casa, o solar da Rua José Bonifácio n.º 39, em Niterói, quando a moléstia já lhe não permitia atravessar a Guanabara para as lides noturnas do "Jornal do Comércio", pude sentir quanto êsse homem trabalhava, como era sincero o seu interesse pelas coisas fluminenses. Pesquisador indefesso, não tinha pressa em concluir. De uma crescente curiosidade, perquiria a propósito de tudo. Só afirmava quando perfeito senhor do assunto, e não consta haja sido jamais contraditado. Pois foi em sua casa que me revelou os originais de uma corografia do Estado do Rio. Estava pronto, ou quase pronto o capítulo relativo à potamografia. Até os pequenos cursos d'água, a que geralmente não se dá importância, estavam ali mencionados, como os afluentes de todos os rios. (Ignoro o destino que teve êsse trabalho depois da morte do autor).

Meu primeiro contato com José Mattoso Maia Forte deu-se na Agência Americana, de cujo serviço telegráfico era êle diretor. Foi isso por volta de 1925. Chegado, havia dois anos, a esta metrópole, começava na revisão do jornal de Félix Pacheco a minha luta pela subsistência em meio estranho. Desde então, nunca mais deixaria de admirar e de querer o ex-discípulo de Alberto Brandão, aquêle que abandonaria a Escola Naval para ser apenas burocrata e que nos idos de 1893, participando do Batalhão Acadêmico, combateria em defesa da velha taba de Martim Afonso.

Mattoso me animava e estimulava com o seu exemplo. Eu via nêle um paradigma, um modelo, de quem tentaria me aproximar algum dia se me pusesse o destino a serviço da causa coletiva.

E era, quase sempre, o primeiro a me felicitar e incentivar tôda vez que, pela confiança de preclaros governantes, vencia eu mais um degrau na administração do vizinho Estado. Desaparecido há pouco mais de três lustros, não o esquecem os que o conheceram e amaram. Sua prole, numerosa e brilhante, honra o seu nome, que pode figurar entre os que dignificaram a espécie humana. Porque êle foi uma individualidade de escol; um admirável, um grande trabalhador.

★ ★ ★

Aspira a prestar-lhe esta pequena homenagem quem muito dêle recebeu em aprêço e carinho.

REGISTRO de ONTEM de HOJE

O DIA DE AMANHÃ:

DIA de S. João Vianney, o Cura d'Ars, sacerdote francês que viveu de 1787 a 1859. Foi canonizado em 1925 pelo Papa Pio XI.

NESTA DATA:

MORREU Trajano, Imperador de Roma. (117)

NASCEU no Rio de Janeiro Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, orador sacro. (1778)

FOI CRIADA na Suíça a Cruz Vermelha. (1864)

MORREU no Uruguai o Almirante Barroso, Barão do Amazonas, vencedor da batalha do Riachuelo. (1882)

CHEGOU ao Rio de Janeiro, em visita oficial ao Brasil, o Presidente da Argentina, General Júlio Roca. (1899)

MORREU no Rio de Janeiro o poeta Múcio Teixeira. (1926)

DECLAROU a Rússia guerra ao Japão. (1945)

MORREU o historiador norte-americano Charles Seymour. (1968)

QUARTO-CRESCENTE a 14, sexta-feira.

O DUQUE DE RICHELIEU

NO DIA 8 de agosto de 1788, morreu Luís-François-Armand du Plessis, Duque de Richelieu, Marechal de França e membro das Academias Francesa e de Ciências. Nascido a 13 de março de 1696, sobrinho-neto do famoso Cardeal Richelieu, foi um dos homens mais notáveis do século XVIII. Iniciando brilhante carreira militar como mosqueteiro, tomou parte no Combate de Denain, como ajudante de campo do Marechal Villars, e em todas as batalhas que se travaram ao tempo de Luís XV.

Foi ele quem, em 1747, salvou Gênes do jugo austriaco, tendo o Senado dessa cidade lhe erguido uma estátua. Na guerra de 1756, tomando Port-Mahon, conquistou a ilha Minorca e, no ano seguinte, forçou o exército misto de ingleses e holandeses a capitular, perto do Elba.

O Duque de Richelieu teve uma juventude agitada. Aos 15 anos, já irrefletidamente presunçoso, foi metido na Bastilha, devido às suas pretensões junto à Duquesa de Borgonha. A essa prisão voltaria mais tarde várias vezes por sua galanteria e também por intrigas políticas, entre outros motivos.

O DIA DE HOJE

DIA de S. Ciríaco e de seus quarenta companheiros mártires, supliciados em Roma no ano 303 por ordem do Imperador Maximiano.

MONTE ALVERNE E FEIJÓ

NO dia 9 de agosto de 1784, nasceram dois grandes brasileiros, Frei Francisco de Monte Alverne e o Padre Diogo Antônio Feijó. O primeiro, nasceu no Rio de Janeiro e tinha no século o nome de Francisco José Carvalho; era religioso franciscano e se notabilizou como orador sacro, havendo falecido em Niterói a 2 de dezembro de 1858. Feijó foi um dos maiores estadistas que já teve o Brasil, devendo-se à sua energia e ao seu descortino haver o País atravessado sem desagregar-se o difícil período da Regência. Morreu a 10 de novembro de 1843.

Antigas famílias e
Iguaçu Velho

idades mais remotas = (de origem velha nobreza
de Port.)

= Corrêa Vasqueannes

= Corrêa Vasques

= Barbalho Bezerra etc

————— idades mais recentes

De Maranhão =

= Manoel Pereira Ramos, senhor de
esposa Helena de Andrade Souza maior

filho = João Pereira Ramos de
aguedo Coutinho.

D. Francisco de Sousa de Faria
Pereira Coutinho

Domente Pereira de Aguedo Coutinho e
Melo

Ignácio de Andrade Souza maior
Rondon.

—————
Des. Eloy Dias Teixeira

Fugoso

Em S. Ant. de Jacutinga

hamo. José de ~~Almeida~~ Mello, ^{Jun. 1.º}
Bairão,
expos, haviendo sido de
Andara de
onde
marques
de Borja

Dr. José Pinto Ribeiro Berra de Sampaio

Fugoso

Calaf de Melo,
Aldeia de Oliveira (Aldeia)
Brand (Visconde de Figueira)
Felisberto Caldeira Brant, diplomata
e senador

Grande da casa da Vela (1883)

destacam-se

Comendador Ignacio Ant. de Sousa Azevedo
(Barão de Guanabara), um dos
primeiros senhores

Francisco José Soares. Recebeu a
Comenda da Ordem de Cristo
conferida p/ governo imperial.

Patriarca de numerosa família
de ipuacurus.

esposa - Carlota Joaquina Soares
e teve 5 filhos

- 1 Maria Anglica, casada c/ o Comendador
Manselbury de Sousa e Melo
 - 2 Cipriana Maria, casada c/ Bernardino
José de Sousa e Melo
 - 3 el.
Francisco José Soares Filho - Juiz de Paz, Uvaia
 - 4 Antônio José Soares
 - 5 João José Soares
- Teve o patriarca nada menos que 425 descendentes